



A CRÔNICA "PELE ALVA, PELE ALVO" E A DENÚNCIA DO SISTEMA RACISTA BRASILEIRO

Natan Henrique CORREIA¹
Danuza Américo Felipe de LIMA²

RESUMO: O presente artigo apresenta uma breve análise da crônica “Pele alva, pele alvo”, de Rogério de Souza Silva. Esse texto foi publicado na Coletânea de poemas e narrativas do IV Concurso Literário do Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena do Instituto Federal do Estado de São Paulo (NEABI/IFSP), em 2022. A crônica aborda o racismo estrutural no Brasil e a trágica consequência da violência policial contra a população afrodescendente, além de suscitar a reflexão a respeito da representação do negro na mídia televisiva. Dada a relevância do tema e da proposta no âmbito da promoção da educação antirracista no campo literário, realizaremos a análise formal e interpretativa desse texto.³

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Racismo. Violência. Polícia. Juventude.

LA CRÓNICA "PELE ALVA, PELE ALVO" Y LA DENUNCIA DEL SISTEMA RACISTA BRASILEÑO

RESUMEN: Este artículo presenta un breve análisis de la crónica “Pele alva, pele clara”, de Rogério de Souza Silva. Este texto fue publicado en la Coletânea de poemas e Narrativas do IV Concurso Literário do Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena do Instituto Federal do Estado de São Paulo (NEABI/IFSP), em 2022. La crônica aborda el racismo estructural en Brasil y la trágica consecuencia de la violencia policial contra la población afrodescendiente, además de plantear una reflexión sobre la representación de los negros en los medios televisivos. Dada la relevancia del tema y la propuesta de promover la educación antirracista en el campo literario, realizaremos un análisis formal e interpretativo de este texto.

PALABRAS CLAVE: Literatura. Racismo. Violencia. Policía. Juventud.

1 Graduando do Curso de Licenciatura em Letras – Português e Espanhol, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo do *Campus* de Avaré. Endereço eletrônico: <natan.henrique@aluno.ifsp.edu.br>.

2 Doutora em Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade de Coimbra. Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de São Carlos. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, *Campus* Avaré. Endereço eletrônico <danuza.lima@ifsp.edu.br>.

3 Trabalho escrito a convite e sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Danuza Américo Felipe de Lima, na sequência da disciplina de Teoria Literária.



*A palavra negro
tem sua história e segredo
sagrado desejo dos doces voos da vida
o trágico entrelaçado
e a mágica d'alegria*

*A palavra negro
tem sua história e segredo
e a cura do medo
do nosso país*

*A palavra negro
tem o sumo
tem o solo
a raiz.*

(Cutí)

INTRODUÇÃO

"Pele alva, pele alvo" é um texto de Rogério de Souza Silva⁴, publicado na *Coletânea de Poemas e Narrativas* do IV Concurso Literário do Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena do Instituto Federal do Estado de São Paulo (NEABI/IFSP), em 2022. Conforme é mencionado na apresentação da coletânea, a proposta desse concurso é a promoção da leitura, da escrita e da difusão de textos literários de autoria de discentes e servidores da instituição, que promovam a reflexão sobre o lugar dos negros e sobre o lugar dos indígenas na sociedade brasileira. Em virtude da relevância do tema no contexto da educação antirracista no campo literário, efetuaremos a análise do texto vencedor da categoria de narrativa curta.

O autor optou por abordar a temática do racismo contra o negro – uma realidade patente no Brasil. Portanto, esse é o tema central do texto. Já, os seus motivos (subtemas que se entrelaçam ao tema central para a construção da narrativa) são: o racismo presente na polícia militar/civil, nos meios de comunicação, no mercado de trabalho, e as diferenças entre brancos e negros dentro dos espaços sociais.

⁴ Rogério de Souza Silva é professor de sociologia e venceu o concurso na categoria de autoria negra.



Assim, tendo em vista que este texto foi elaborado ao redor desse discurso, torna-se inevitável trazê-lo para a análise. Em verdade, é concentrando-se nos aspectos externos da narrativa que se tirará proveito dessa obra, visto que ela engloba um contexto de largo horizonte e se apresenta ao leitor com uma linguagem simples. Desse modo não serão analisados outros recursos estilísticos da sua forma.

Esta produção literária concorreu ao concurso na categoria de narrativa curta (conto ou crônica). Porém, fica evidente que se aproxima muito mais da crônica, pois nota-se nela uma situação cotidiana inicial que se desdobra numa importante discussão da sociedade – o que é característico deste gênero. No entanto, essa indeterminação no reconhecimento dos textos é bem comum, já que hoje os gêneros literários estão, cada vez mais, compartilhando características que variam devido ao gosto e critérios do escritor ou devido às limitações impostas pelos gêneros e pelos tempos. A título de exemplo, citamos a escritora Raquel de Queiroz, grande cronista, que relatava a proximidade que percebia entre o conto e a crônica enquanto exercia seu ofício literário; o último elemento sendo talvez, segundo ela, o resultado de uma tentativa mal sucedida do primeiro.

Posto isso, concentremo-nos no título, "Pele alva, pele alvo", que nomeia o texto e, ao mesmo tempo, é uma espécie de trocadilho, um título sugestivo que sintetiza muito bem a questão abordada – a pele alvo do racismo. Pele alva, nívea, branca, contrapõe-se à pele alvo, a pele negra: alvo da violência e da discriminação racial.

A ideia da pele negra como alvo da violência policial está presente no poema visual "Rondó da ronda noturna" (2002, s.p.) do poeta Ricardo Aleixo, quando afirma que "[...] quanto mais negro, mais alvo.". Para Cidinha da Silva (2019, s.p.), esse poema, tal como outras produções literárias sobre o tema, contém teses equivalentes às de doutoramento sobre a assimetria das relações raciais no Brasil. São obras que ela descreve como possuidoras do poder da síntese e, ao mesmo tempo, de expansão da arte.

O título da crônica certamente foi escolhido pelo autor no intuito de aludir à canção "Ismália", do artista Emicida, que diz num verso: "[...] oitenta tiros te lembram que existe pele alva e pele alvo.". Ismália, por sua vez, faz referência ao poema homônimo, cujo autor é o simbolista brasileiro Alphonsus de Guimaraens, pseudônimo de Afonso Henriques da Costa Guimarães (1870-1921). No poema publicado postumamente em 1923, no livro *Pastoral aos crentes do amor e da morte*, em tom mórbido, transcendente e místico há a referência ao comportamento suicida de uma mulher com transtornos mentais. Emicida ressignifica o poema ao nomear de Ismália a canção que retrata a situação também adoecida das vítimas do racismo estrutural da sociedade brasileira. O trecho da canção que nomeia a crônica faz referência ao caso do assassinato de Evaldo Rosa dos Santos, músico negro que teve o carro fuzilado em uma ação do exército brasileiro, em Guadalupe, zona norte do Rio de Janeiro, em uma situação análoga à construída para Pablo, a personagem principal da crônica analisada.

DESENVOLVIMENTO

Pablo é um jovem negro que vive na capital de São Paulo, espaço principal da narrativa, dado que a casa, a loja, a pizzaria e o hospital são os espaços secundários. Há cinco anos, a personagem tinha uma jornada dupla. Trabalhava no varejo durante o dia e entregava pizzas à noite. Estava contente com a vida que levava. Contudo, agora, no tempo narrativo, encontra-se tetraplégico, condição revelada apenas ao final da crônica, ainda que insinuada nos parágrafos 1 e 2: "Era ali que passava a maior parte do meu dia, *estático*. [...] Em outros momentos desses *incomensuráveis 5 anos defronte à TV*." (SILVA, 2022, p. 18, grifo do autor).

Todas essas informações são contadas depois que a irmã mais nova de Pablo, Paula, o surpreende ao mudar o canal da televisão, pois naquela noite a pauta do programa Roda Viva da Tv Cultura seria sobre o racismo na sociedade brasileira. Aí se encontra o nó da narrativa, uma vez que a partir desse momento, Pablo, como vítima desse ódio, é acometido por

inúmeras indagações, e, por isso, num tempo cronológico, começa a narrar como era sua vida antes de ser baleado pela polícia e ficar tetraplégico.

Sobre a personagem principal, pode-se afirmar que, dentro do contexto social brasileiro, Pablo se configura como uma personagem-tipo, posto que, na narrativa, lhe são atribuídas características comuns a histórias semelhantes de jovens negros em cidades urbanas, demarcadas pelo socioleto de expressões como "trampava" e "parças", por exemplo. Do mesmo modo, enquadram-se as personagens secundárias citadas: a irmã, a mãe, o policial, o chefe, a mulher, a gerente, os parças etc., porque se caracterizam por papéis sociais. Verifica-se, também, que o texto é narrado em primeira pessoa, isto é, por um narrador autodiegético (protagonista) – que narra suas próprias experiências.

O clímax concentra-se no final. É ao descrever a condição atual de Pablo e qual foi a causa dessa condição que o autor surpreende o leitor. E o autor ao trazer essa questão dolorosa, que afeta drasticamente as vítimas e suas famílias, comove e produz um incômodo positivo, porque se torna inevitável não perceber o grau de violência que o racismo provoca na realidade de Pablo e de outros jovens negros.

Ademais, a crônica acaba por ter um desfecho aberto, pois, mesmo que o leitor esteja ciente da condição de Pablo, não há um fim delimitado. Compreende-se a razão dessa condição, analisando-se o contexto. Considerando o fato de que a temática é ampla e realista, como de fato o é, percebe-se que "Pele alva, pele alvo" figura uma fala cansada (é isso o que se pode constatar no próprio desfecho, quando a personagem principal pede à irmã que mude de canal), cansada de ter de dizer e ouvir a mesma coisa e ver que nada foi solucionado, isto é, ver na televisão, infelizmente, a mesma história se repetindo. Assim, a narrativa serve a vozes exaustas e, sendo contada, exerce o papel da fala, representando aqueles que sabem que "calar-se não é uma opção".

Isso nos leva a afirmar que esse texto de doze parágrafos repletos de detalhes que remontam à rotina de muitos jovens negros brasileiros tem a motivação de acrescentar volume a essas vozes que sofrem constantemente com a tentativa de silenciamento.

Portanto, pode-se dizer que esta crônica, ainda que comedida, oferece a possibilidade de se extrair reflexões importantes acerca da temática. O próprio fato de a narrativa evidenciar ao leitor que toda a rotina de Pablo é afetada pelo racismo serve como ponto de partida para as possíveis reflexões que, à medida que os fatos são revelados, se tornam fortes e induzem o leitor a permear os traços e situações ali presentes e correlacioná-los com a realidade.

Escancara-se, desse modo, o intenso grau de verossimilhança e de veracidade dessa crônica, posto que o racismo está presente nas suas linhas e entrelinhas. Um racismo que, segundo a filósofa Djamila Ribeiro (2019), é estrutural; uma estrutura de cinco séculos que exerceu influência na formação da mentalidade da população brasileira e que, no decorrer de gerações, foi preservada e atualizada. Afinal, o Brasil é um país que cresceu a partir da escravização, da objetificação dos negros e indígenas.

Logo, constata-se que foi sob o olhar europeu que o sistema racista foi pautado e, de acordo com a psicanalista Neusa Santos de Souza, um imaginário do lugar do corpo negro foi estabelecido:

A sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior. (SOUZA, 1983, p. 19)

Depois da abolição da escravatura, em 13 de maio de 1888, os negros estavam livres, disseram. No entanto, o sistema racista não desapareceu com a Lei Áurea, nem as incontáveis consequências desses séculos de escravização. Aliás, a perenidade do racismo foi justamente uma consequência do modo como a lei foi lavrada pela princesa imperial regente, Isabel, em nome de seu pai, o imperador D. Pedro II, tendo em vista que não previu uma política de



reparação e inclusão dos libertos, para além de ter promovido, em seus sucintos dois artigos, o apagamento do protagonismo dos movimentos de rebeliões dos cativos e das agremiações abolicionistas.

Veículos de informação mostram, diariamente, casos de violências físicas e simbólicas e demais atrocidades contra a população negra no Brasil. Tais atitudes de violência não têm outra explicação a não ser a perenidade do racismo.

O leitor, em contato com essa narrativa, ocupa-se em percorrer o caminho distinto daquele de costume: a desinformação comum. Deve, pois, sair da sua “bolha” e olhar para os arredores; contestar a realidade através do texto, posto que o tema e os motivos presentes nele são questões para serem pensadas.

Assim, quando o autor empresta os olhos de Pablo e aponta a televisão e o programa Roda Viva, propõe que o leitor pense: por que há poucos negros na televisão, nos comerciais e nos programas como o Roda Viva? Acaso não há jornalistas negros disponíveis para as entrevistas semanais? Por que compor uma bancada negra apenas quando intelectuais negros como Sílvio Almeida ou Chimamanda Ngozi Adichie são os entrevistados? Claro que isso é positivo, pois isso nem sequer ocorria nos anos 90 quando, por exemplo, entrevistaram o renomado geógrafo Milton Santos e não havia nenhum jornalista negro na bancada. O problema está no porquê desse ainda ser um dia atípico no formato do programa.

No último parágrafo, ressalta-se essa questão na narração de Pablo: "Os meios de comunicação são absolutamente coniventes com a construção de um imaginário social do negro nesse lugar subalterno." (SILVA, 2022, p. 21). Esse fato é confirmado em novelas globais que retratam a Bahia, em cujo elenco, composto, em sua maioria, por atores brancos; deixa de lado atrizes negras excepcionais, que longe do protagonismo, só interpretam a empregada e a escravizada. Afinal, quantos negros estão à frente dos programas televisivos diários?



Felizmente isso está mudando. Atualmente, há mais negros do que no passado nesses âmbitos, quando Glória Maria e Zileide Silva eram exceções. Nos dias de hoje, há Maria Júlia Coutinho, Manoel Soares, Joyce Ribeiro entre outros à frente de grandes programas de telejornais e de entretenimento. Esse é o Brasil aparecendo aos poucos.

No momento em que Pablo interrompe seu próprio desejo de conseguir uma promoção por crer ser impossível estar ali quando há somente brancos, o autor coloca outra questão diante dos olhos do leitor para ser analisada: a ausência dos negros nos espaços de poder. A população negra compõe mais de 56% dos habitantes desse país, segundo os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2018 e, ainda assim, não estão nas grandes empresas, restaurantes, hotéis a não ser como sujeitos subalternizados. Essa é uma realidade que o autor evidentemente aponta para ser contestada e desnaturalizada.

No ápice da narração, surgem perguntas como: por que um jovem negro tem que ouvir sua mãe dizer desde criança que ele deve portar-se de tal maneira frente à polícia ou por que todos os dias centenas de negros são assassinados neste país? Por que a polícia vê na pele negra o crime? Como confiar naqueles que deveriam ajudar a promover a justiça, quando os próprios ceifam a vida de um jovem que brincava na rua? (SILVA, 2022). Além disso, ao trazer esse cenário para a trama, a narrativa faz com que também surjam no horizonte do leitor imediatamente os casos de prisões injustas através da identificação em fotos, assim como os das supostas "trocas de tiros" que apontam o racismo e o despreparo na corporação ao lidar com o tema, e a urgência em interromper esse processo, visto que este leva a uma das consequências mais severas da discriminação.

No início da narrativa, o autor mobiliza discretamente a personagem secundária Paula, irmã de Pablo, como "o elemento temático" para abrir a discussão e levantar um outro motivo, o outro lado da história. Na passagem em que ele a cita, ela é caracterizada como

uma jovem contestadora que está participando de organizações a fim de resgatar sua identidade. Então, espera-se que, ciente de que houve, por parte dos senhores escravocratas, uma tentativa de enfraquecer os laços culturais entre os negros que vinham para o Brasil e que, por esse motivo, os negros foram apartados de seus grupos iniciais, o leitor compreenda que a história que conhece, contada e escrita pelos brancos, é apenas uma versão que os favorece. E que, portanto, a história da pele negra não se resume à escravização.

Ademais, para estabelecer um contraponto que destaca a marginalização da cultura negra no Brasil, parágrafos depois, Pablo expressa o que faz, como se veste, como se porta rotineiramente para não sofrer ainda mais com a discriminação, em oposição a como ele realmente gosta de ser, se vestir e falar.

À vista do que foi dito, a proposta é de se pensar nas possibilidades que poderiam solucionar este problema que afeta a vida de Pablo e desperta essas tantas perguntas e reflexões. Problema que, segundo a provocação da filósofa Djamilia Ribeiro, é essencialmente dos brancos:

O racismo é uma problemática branca, provoca Grada Kilomba. Até serem homogeneizados pelo processo colonial, os povos negros existiam como etnias, culturas e idiomas diversos—isso até serem tratados como “o negro”. Tal categoria foi criada em um processo de discriminação, que visava ao tratamento de seres humanos como mercadoria. Portanto, o racismo foi inventado pela branquitude, que como criadora deve se responsabilizar por ele. Para além de se entender como privilegiado, o branco deve ter atitudes antirracistas. Não se trata de se sentir culpado por ser branco: a questão é se responsabilizar. Diferente da culpa, que leva à inércia, a responsabilidade leva à ação. Dessa forma, se o primeiro passo é desnaturalizar o olhar condicionado pelo racismo, o segundo é criar espaços, sobretudo em lugares que pessoas negras não costumam acessar. (RIBEIRO, 2019, p. 19)

A criação dos espaços citados por Ribeiro (2019) leva ao conceito de representatividade. Isso é importante porque cria um imaginário e estabelece a justiça social. Pablo, por exemplo, poderia estar em uma universidade pública em vez de ter dois empregos.



Isso certamente afetaria sua vida de forma positiva. E, em consequência disso, seria uma referência para aqueles ao seu redor. O fato de haver, por exemplo, mulheres como Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, Carolina Maria de Jesus, Sueli Carneiro, Beatriz Nascimento, entre outras intelectuais negras em espaços distintos do “habitual” promove a identificação, a comoção e o reconhecimento da população negra.

No ano de 2022, completaram-se 10 anos da implementação da Lei de Cotas Raciais, medida que, de acordo com especialistas, foi uma das mais eficazes criadas até hoje para corrigir as desigualdades históricas entre negros e brancos no Brasil. Djamila Ribeiro destaca isso em seu livro:

A lei de cotas para universidades federais, promulgada em 2012, representou uma grande vitória. Uma pesquisa da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) com base em dados de 2018 mostrou que, nessas instituições, a maioria dos estudantes é negra (51,2%), 64,7% cursaram o ensino médio em escolas públicas e 70,2% vêm de famílias com renda mensal per capita de até um salário-mínimo e meio. (RIBEIRO, 2019, p. 25).

Para que medidas como essas possam ser tomadas é necessário que a sociedade enxergue a problemática do racismo estrutural, em especial, quem está no poder. Infelizmente, ainda há pessoas que se posicionam contra a Lei de Cotas Raciais e afirmam ser esta uma medida descabida, pois a escravização acabou e os negros são livres e têm as mesmas oportunidades que os brancos – conforme as declarações do candidato à Presidência da República, em 2018, no programa Roda Viva.

Essa é, portanto, a configuração do racismo no Brasil. Há a negação da problemática e a tentativa de escamotear a presença desse tipo de ódio, o que faz do racismo, aqui, distinto, por exemplo, do racismo no Mississippi nos EUA, no século XX, quando havia segregação de ônibus, banheiros e outras medidas contra a população negra. No Brasil, ainda que o racismo seja uma realidade patente, a sua manifestação é velada. A pesquisa do



Datafolha, em 1995, revelou que 89% dos brasileiros admitiam existir preconceito de cor no Brasil, mas 90% se identificavam como não racistas. Se existe racismo no Brasil, mas não há brasileiros racistas, ironicamente, nos indagamos: de onde vem, então, o racismo?

Existe essa tendência do senso comum de que ser racista é praticar o ódio explícito – um fator que contribui para o abafamento do tema. Em solo brasileiro, a expressão “moreno(a)”, a fim de nomear o(a) indivíduo(a) negro (a); o uso de frases como “Ah, a médica é você... me desculpe!”; as piadas sobre o cabelo crespo ou, ainda, sobre as manifestações religiosas de matrizes africanas revelam como o racismo funciona.

Ribeiro (2019) afirma ser um equívoco iniciar uma discussão sobre racismo se declarando não racista. Afinal,

É impossível não ser racista tendo sido criado numa sociedade racista. É algo que está em nós e contra o que devemos lutar sempre. É claro que há quem seja abertamente racista e manifeste sua hostilidade contra grupos sociais vulneráveis das mais diferentes formas. Mas é preciso notar que o racismo é algo tão presente em nossa sociedade que muitas vezes passa despercebido. (RIBEIRO, 2019, p. 20).

Portanto, para combater o racismo é necessário entender que o sistema é maior que a crença em não ser racista, que o ódio é somente deliberado. Pois, o que está em questão não é um posicionamento moral, individual, mas um problema estrutural e isso implica perceber que mesmo quem busca ativamente a consciência racial, já compactuou, em algum momento, com violências contra grupos oprimidos (RIBEIRO, 2019), seja por meio de atitudes ou de omissões diante de situações de racismo.

CONCLUSÃO

Conclui-se que a grande reflexão que se espera extrair desse texto é perceber, através da vivência da personagem Pablo, essa configuração do sistema racista, que cria um



lugar para o corpo negro enquanto outro que é inferior, isto é, o bandido, aquele que só pode ser o subalterno, que não pode ter outra escolha profissional a não ser aquela que tem a finalidade de servir. Entendemos que a proposta da crônica, além de aguçar a fruição estética indispensável à arte, é revelar a história de Pablo e, a partir dela, suscitar atitudes antirracistas.

REFERÊNCIAS

ALEIXO, Ricardo. *Trívio*. Belo Horizonte: Scriptum, 2002.

ISMÁLIA. Intérpretes: Emicida, Larissa Luz e Fernanda Montenegro. Compositor: Emicida. In: AMARELO. Rio de Janeiro: Sony music, 2019. Digital (5:57 min.). Disponível em: <https://open.spotify.com/album/5cUY5chmS86cdonhoFdn8h>. Acesso em: 30 ago. 2022.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RODA VIVA. JAIR BOLSONARO. 30/07/2018. Produção: Gabriel Batista, Rachel Belo, Dina Amendola, Fernanda Comparini. São Paulo: Tv Cultura, 2018. Publicado pelo canal Roda Viva. Disponível em https://tvcultura.com.br/videos/65961_roda-viva-jair-bolsonaro-30-07-2018.html. Acesso em: 23 ago. 2022.

SILVA, Cidinha. *Parem de nos matar!*. São Paulo: Pólen, 2019.

SILVA, Rogério de Souza. *Pele alva, pele alvo*. São Paulo: IV Concurso Literário do Neabi/IFSP: Coletânea de poemas e narrativas (contos e crônicas). São Paulo (Estado): IFSP, 2022.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

Envio: Agosto de 2022.
Aceito: Dezembro de 2022